



APRESENTAÇÃO / PRESENTATION

É com um imenso júbilo que a FASBAM lança o vol. 5, Nº 10, de *Basilíade – Revista de Filosofia*, correspondente ao período de julho-dezembro de 2023 e cujo dossiê se intitula: *Metafísica: o ser e o ente*.

Embora o termo *metafísica* esteja indissolúvelmente ligado a Aristóteles, pelo menos a partir da edição das obras do Estagirita efetuada por Andrônico de Rodes, no século I a.C., ele se tornou, em toda a tradição filosófica, sinônimo da indagação em torno dos entes e, conseqüentemente, do Ser. Efetivamente, esta é uma problemática que, já com os Pré-Socráticos, despontou de maneira mais especificamente filosófica na medida em que o questionamento fundamental que eles se faziam girava em torno de saber o que é que finalmente permanece apesar de todas as transformações que se verificam no mundo dos fenômenos? Deve haver algo – assim ponderavam os Pré-Socráticos – irreduzível e derradeiro que permanece quando tudo o mais perece ou, simplesmente, renasce e se transforma. Este algo era metaforicamente expresso pelas palavras *agueros* (que não envelhece) e *athánatos* (imortal), usadas pela poesia épica para marcar a diferença que separava os deuses dos homens.

De fato, a concepção antropológica que marcou a cultura arcaica helênica considerava os deuses não somente como seres imortais (*athánatoi*), mas também, ou por isto mesmo, bem-aventurados (*eudaimones*), porquanto eles não eram afetados pelas vicissitudes da existência. Quanto aos seres humanos, eram eles vistos como efêmeros (*ephémeroi*), isto é, seres de um só dia e, conseqüentemente, passageiros, mutáveis, instáveis e, logo, infelizes (*talaíporoi*). De acordo com John Burnet, os termos *agueros* e *athánatos*, que foram empregados por Anaximandro, se encontram também em um fragmento atribuído a Eurípedes e associados ao conceito de *physis*, erroneamente traduzido por *natureza*. Ademais, sustenta Burnet, a ciência jônica fora introduzida em Atenas por Anaxágoras por volta do tempo em que nasceu Eurípedes (480 a.C.). De resto, existem evidentes indícios da influência dessa ciência sobre o poeta trágico e é curioso o fato de que, num fragmento que descreve a felicidade de uma vida devotada à pesquisa científica (ιστορία),

Eurípides também se utilize dos epítetos *agueros* e *athánatos*, que Anaximandro havia aplicado àquele estofa primordial a que depois se deram os nomes de substância, princípio, elementos, essência etc.

Se, portanto, não se pode examinar a natureza do Ser entre os Pré-Socráticos sem se levarem em consideração os aportes da mitologia, da poesia, da cosmologia e da religião, dos quais eles são tributários, com mais razão ainda é impossível pensar o Ser durante aquela fase ulterior do período clássico – dominada por Sócrates, os Sofistas, Platão e Aristóteles – sem levar em conta todo o passado filosófico que fora gestado, desenvolvido e enriquecido pelos Pré-Socráticos. Neste sentido, é lícito também afirmar que as transformações e reinterpretações que marcaram o pensamento ocidental referente ao Ser reconduzem, direta ou indiretamente, explícita ou implicitamente, à filosofia grega e, mais precisamente, àquela filosofia que nasceu no período clássico e, de certo modo também, no período arcaico.

Pensando, pois, nas diferentes vicissitudes, transformações e releituras pelas quais passaram as variadas concepções da metafísica em torno dos entes e do Ser, a Revista Basilíade apresenta os textos de diversos autores que contribuíram para a materialização do presente dossiê. Deste modo:

O primeiro artigo tem como autor Bruno Fleck da Silva e, como título, *Em Si ôntico: individuação e pessoa na Ontopsicologia*. Neste texto, o autor se baseia na perspectiva desenvolvida por Antônio Meneghetti em sua vasta bibliografia e na práxis empírica da Ontopsicologia, movimento por ele fundado na Itália no fim dos anos sessenta. Segundo o autor, a Ontopsicologia responde ao problema universal da noção de sujeito pela noção de pessoa, expressa, a partir da tradição aristotélica, na singular categoria de individuação: o *Em Si ôntico*. Esta, por sua vez, é o critério epistêmico da operatividade da Escola Ontopsicológica.

O segundo artigo, de autoria de Carlos Eduardo de Carvalho Vargas e de Clodoaldo da Luz, tem como título: *Entre o ser finito e o ser eterno: Edith Stein e as noções tomasianas de ser e eternidade*. Segundo os autores, depois da sua passagem para a fé católica, Edith Stein reformulou suas concepções filosóficas incorporando conceitos tomasianos no seu próprio pensamento. Neste artigo, os autores se propõem elucidar como a filósofa abordou as questões acerca da eternidade do ser e da criação dos entes, comparando-as com a concepção original de Tomás de Aquino e mostrando como esse diálogo entre os pensamentos medievais e contemporâneos foi desenvolvido na sua obra: *Ser finito e ser eterno: Ensaio de uma ascensão ao sentido do ser*.

O terceiro artigo, intitulado, *A filosofia perene tomista e sua vitalidade: A metafísica do ser como desafio intelectual ao (não) pensar na modernidade*, tem como autores Jefferson da Silva e Marcius Tadeu Maciel Nahur. O seu objetivo é o de refletir sobre a metafísica do ser de matriz tomista como desafio epistêmico ao (não) pensar na modernidade e seus reflexos nas multifacetárias vicissitudes desnordeantes do conhecimento na sociedade contemporânea. Segundo os autores, a metafísica, como sabedoria, ensina a julgar e a bem ordenar as coisas. Como ciência do ser, ela cuida do que é separado da matéria. Como intelecção do ser enquanto ser, ela traz a universalidade e necessidade como atributos de maior relevância das coisas particulares e contingentes. Enfim, como crítica do conhecimento, ela se confronta com o pensamento moderno, já que o seu idealismo pretende ocupar o lugar do realismo.

O autor do quarto artigo é Rondnelly Diniz Leite e o seu texto se intitula: *Ser e ente na metafísica tradicional: Uma leitura heideggeriana*. Aqui o autor se propõe discutir a interpretação de Heidegger relativamente a como a metafísica tradicional concebeu as noções de “ser” e de “ente”. Ele evoca a tese de Heidegger, segundo a qual o pensamento ocidental entendido como metafísica confundiu ser e ente. Em seu início com Platão e Aristóteles, no momento em que o problema concernente ao sentido de ser ganhou fôlego no pensamento desses filósofos, esse tema já caiu no esquecimento e o que ambos conquistaram em suas reflexões se quedou trivializado durante toda a história do pensamento ocidental, com muitas deturpações e incompreensões, até a *Lógica* de Hegel. O autor visa também analisar as consequências dessa posição fundamental, visto que ao não pensar a diferença ontológica, a metafísica tornou-se uma *onto-teo-logia*.

O quinto artigo, da autoria de Antônio Djalma Braga Júnior, tem como título: *Kant e a religião nos limites da razão*. Conforme afirma o próprio autor, a relação entre fé e razão tem sido um tema central nos debates filosóficos e teológicos ao longo dos séculos. A busca por conciliar essas duas dimensões da experiência humana tem desafiado pensadores de diversas tradições e escolas de pensamento. Nesse contexto, a contribuição de Immanuel Kant se destaca como uma das mais influentes e provocativas. Mas a importância de Kant reside também, sustenta o autor, em sua tentativa de conciliar a fé e a razão, superando as diversas dicotomias e promovendo uma abordagem complexa e cuidadosa. O objetivo deste artigo é, pois, oferecer uma análise das ideias de Kant sobre a relação entre fé e razão, o que não deixa de ter implicações não somente sobre a sua ética, mas também sobre a sua própria concepção metafísica fundamental.

O sexto artigo se intitula: *Humanismo, um tema ainda necessário: Em torno do humanismo e da fraternidade universal na doutrina social da igreja*. A pergunta que o autor, Edivaldo José Bortoleto, lança é a seguinte: Quais são as condições teóricas e práticas que podem ser encontradas na formulação do Papa Francisco para a consecução e realização do projeto de uma fraternidade universal? Para o autor, estas questões acenam para uma proposição de uma arquitetônica de saberes, novidade ímpar na história das encíclicas desde Leão XIII no século XIX. Portanto, a hipótese que atravessa as suas reflexões é a de que Francisco formula um *humanismo libertador*, de sorte que há um *giro* no interior da própria Doutrina Social da Igreja fazendo com que a sua leitura eurocêntrica até o pontificado de Bento XVI se dê, doravante, em perspectiva desde as periferias do mundo globalizado, ou seja, desde a América Latina Caribenha, a África, a Ásia e a Oceania, subsumindo a *opção preferencial e solidária* pelos mais pobres.

O sétimo e último artigo, *Performatividade e direito: Uma análise derridiana do fundamento místico da autoridade em força de lei*, é da autoria de José Tadeu Batista Souza e Manoel Carlos Uchôa de Oliveira. Os autores têm como objetivo analisar a noção de performatividade na leitura feita por Jacques Derrida em *Força de Lei*: o “fundamento místico da autoridade”. A pergunta de partida é: como o caráter performativo do discurso jurídico instaura o regime de violência no nível da linguagem? A categoria de “fundamento místico da autoridade” revela um problema quanto à dinâmica do discurso jurídico enquanto violência. Toda essa violência é guardada por um silêncio que sustenta a autoridade do direito. Por isso, é preciso também analisar o argumento de Derrida em relação às teses sobre performatividade de John Austin.

O presente dossiê se conclui com duas resenhas. A primeira, de autoria de Altieris Bortoli, discorre sobre a obra: ALMEIDA, Rogério Miranda de; LETENSKI, Irineu (Orgs). *Filosofia, teologia e psicanálise*. Campinas: Splendet, 2022.

Quanto à segunda resenha, de autoria de Paulo Henrique Carboni, se trata de uma análise da obra: FABRI, Marcelo; GRZIBOWSKI, Silvestre. *Introdução à Fenomenologia do Invisível: O amor, o desejo, a vida*. Curitiba, CRV, 2022.

Asseguramos, pois, um caloroso agradecimento aos autores que contribuíram para este número de *Basilíade* e estendemos os nossos votos de uma profícua leitura a todos aqueles que aspiram ao conhecimento e à difusão da cultura.

Os Editores:
Irineu Letenski,
Rogério Miranda de Almeida.